

O USO DE ÁLCOOL E DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DE ENGENHARIA

Resumo:

O estudo teve por objetivo avaliar o consumo de álcool no padrão *binge* e o impacto no consumo de outras substâncias entre estudantes de cursos de exatas de uma universidade mineira. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 155 estudantes, foram avaliados informações sociodemográficas, o Critério de Classificação Econômica Brasil e o Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso do Álcool (AUDIT), o Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST). Da amostra 74,2% eram do sexo masculino, com idade entre 20 a 29 anos (62,6%) solteiro (98,1%). Em relação ao uso de substâncias psicoativas na vida os universitários que consumiram derivados de tabaco totalizaram 35,1%, sendo que destes 28,48% fazem a prática de beber em *binge*. Dos 82,5% dos estudantes já consumiram bebida alcoólica na vida, e desses, metade consomem em *binge*.

Palavra-chave: consumo de álcool; drogas; tabagismo; universitários; engenharias;

THE USE OF ALCOHOL AND ABUSE DRUGS BETWEEN ENGINEERING UNDERGRADUATES

Abstract:

The purpose of this study was to evaluate binge alcohol consumption and the impact on the consumption of other substances undergraduates of a university in Minas Gerais, Brazil. This is a descriptive study of the quantitative research. The sample consisted of 155 students. Socio-demographic information, Brazil's Economic Classification Criteria, Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT), and Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST) were evaluated. In our sample 74.2% of the subjects were males, ageing between 20 and 29 years (62.6%), and single (98.1%). In relation to the psychoactive substances ever used, 35.1% used tobacco, of which 28.48% practiced binge drinking. Of the 82.5% of students who have consumed alcoholic beverages in their lifetime, half of them consume in a binge pattern.

Keywords: alcohol use; abuse drug; tobacco use; undergraduates; engineering courses;

1 Introdução

O consumo de álcool e outras Substâncias (SPAs) é uma das principais preocupações da sociedade atual. O uso cada vez mais precoce e em maiores quantidades ocorre em todos os estratos sociais, e suas consequências ultrapassam o âmbito da saúde, atingindo também os aspectos econômicos, políticos e sociais (OMS, 2018). Levantamento de 2015, realizado pela United Office on Drugs and Crime (UNODC, 2017), estimou que cerca de 250 milhões de pessoas usavam drogas e, destas, 29,5 milhões de pessoas - ou 0,6% da população adulta global - usam drogas e ou álcool de forma problemática e apresentam transtornos relacionados ao consumo de drogas, incluindo a dependência. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) considera o uso problemático do álcool como uma das principais causas de morte no mundo, principalmente entre jovens.

Numa pesquisa realizada com população urbana brasileira o uso de bebidas alcoólicas foi relatado por 86,7% dos entrevistados. Desses, 26,5% afirmaram que não bebiam mais, 37,1% disseram beber raramente, 2,7% ingeriam bebidas alcoólicas até duas vezes por semana e 4,9% referiram beber três ou mais vezes por semana. O uso de drogas foi afirmado por 8,9% dos entrevistados. Entre os participantes, 80,1% utilizaram maconha, lança-perfume (6,9%) e cocaína em pó (6%) na primeira vez, em que consumiram drogas ilícitas. Referiram ter obtido a droga com amigos, parentes ou conhecidos; 8,3% em pontos de venda e 5,8% nas escolas (Bastos, Bertoni, & Hacker, 2008).

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), publicou uma pesquisa de abrangência nacional sobre o consumo de drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. O estudo investigou uma amostra de 12.711 estudantes de universidades públicas e privadas do país e 60,5% relataram ter consumido álcool nos últimos 30 dias. Além disso, foi observada uma prevalência de 25,9% para o mesmo padrão de uso de drogas ilícitas (Andrade, Duarte, & Oliveira, 2010). Comparativamente ao projeto norte-americano, o estudo

brasileiro apresentou uma prevalência menor de consumo de bebidas alcoólicas, porém maior no uso de substâncias ilícitas (Fachini, 2013).

Em estudo realizado anteriormente, o uso de álcool e drogas em universitários esteve relacionado à renda familiar mais elevada (Silva, Malbergier, Stempliuk, & Andrade 2006). Foi observado que a classe socioeconômica alta foi associada a um risco duas vezes maior do uso de álcool do que a classe baixa, determinantes econômicos e culturais poderiam estar relacionados à profusão de festas e ao preço da bebida alcoólica. A classe socioeconômica alta contribui para índices de consumo maiores do uso de drogas quando comparados a outras classes socioeconômicas (Oliveira, Cunningham, Strike, Brands, & Wright, 2009). O consumo de drogas entre estudantes universitários está associado à vida social mais intensa, talvez porque, fora de casa, ou em grupos, o acesso às drogas seja mais fácil ou, ainda porque esses indivíduos são, devido à educação que receberam ou ao meio onde estão inseridos, mais “abertos” e com menos “tabus” em relação ao consumo dessas substâncias. Santos, Pereira e Siqueira (2013), acreditam que fatores como não possuir religião ou não frequentar celebrações religiosas, morar longe dos pais e apresentar mais horas livres nos dias úteis possam contribuir com um maior consumo de álcool e drogas.

Com relação ao tabaco, uma droga lícita, Ramis et al. (2012) chama a atenção que o tabagismo é considerado um forte fator de risco para doenças e agravos não transmissíveis, sendo elevadas as taxas de morbimortalidade direta ou indiretamente ligadas ao consumo de cigarro. O consumo de tabaco é a causa de aproximadamente 7 milhões de mortes por ano no mundo, segundo dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2017). Eles alertam que 428 pessoas morrem por dia no Brasil por causa do tabagismo e 12,6% de todas as mortes registradas no país são atribuíveis ao tabaco. Ao todo, 156.216 mortes poderiam ser evitadas todos os anos caso o uso do tabaco fosse eliminado. Em dados do estudo da VIGITEL (2018) a frequência de adultos fumantes foi de 10,1%, sendo maior no sexo masculino (13,2%) do que no feminino (7,5%). No Brasil, aproximadamente, 34% dos homens e 29% das mulheres

são fumantes, consumindo cerca de 175 bilhões de cigarros por ano. Um levantamento realizado no Brasil demonstra uma prevalência de 38% do consumo de cigarro na faixa de 18 a 24 anos e em 2015, mais de 1,1 bilhão de pessoas fumavam tabaco no mundo, sendo a prevalência maior em homens (OMS, 2018).

Na pesquisa realizada por Bastos et al., (2008) mostra que a proporção de entrevistados que relataram ter feito uso de drogas foi maior entre os homens (13,2%) do que entre as mulheres (5%). Este consumo parece ser maior nas faixas etárias mais jovens, de 16 a 24 e de 25 a 36 anos (11,7% e 12,1%, respectivamente).

Segundo Junqueira et al. (2018) podemos citar como consequências do consumo de drogas e álcool entre estudantes universitários, acidentes automobilísticos, violência, comportamento sexual de risco, prejuízos acadêmicos, percepção de risco prejudicada e estresse. Em outro estudo foi descrito que o consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários está relacionado com a diminuição da expectativa de vida dessa população. Segundo os autores, isso ocorre porque os comportamentos de risco associados ao consumo de álcool e drogas podem afetar o senso global de “bem-estar”. Os alunos usuários participam com mais frequência de centros acadêmicos e associações esportivas que os não usuários destas substâncias (Murphy, Devitt-Murphy, & Barnett, 2005). Segundo o I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre Universitários, notamos que no Brasil, 11,2% dos universitários respondentes declararam nunca ter experimentado substâncias psicotrópicas na vida. Dentre os 88,8% dos universitários restantes (N=11.186), 86,5% já experimentaram álcool, 47,0% tabaco (e derivados) e 49,0% pelo menos uma substância ilícita na vida. Essa prevalência diminui ao se considerar as medidas de uso nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, já que tendem a localizar os usuários ativos e desconsiderar os ex-usuários de drogas. Para a medida de uso nos últimos 30 dias, por exemplo, 60,5% dos universitários respondentes declararam ter bebido, 21,6% deles usaram tabaco (e derivados) e, finalmente, 25,9% usaram alguma substância ilícita, prevalências que

variam de acordo com a interferência do extrato considerado, ou seja, da região administrativa, do tipo de Instituto de Ensino Superior - IES, área e período de estudos, gênero ou faixa etária do universitário (Oliveira et al., 2009)

O ambiente universitário é um contexto de elevado engajamento social para o desenvolvimento, pois é também uma fonte de crescimento pessoal e profissional (Oliveira et al., 2009). Entretanto, é preciso considerar que o meio acadêmico possibilita diversas mudanças na vida dos estudantes, como as relações sociais e adoção de novos comportamentos. Há uma preocupação que está relacionada ao afastamento da família e a ligação com novas amizades, que fazem parte de um período de mudanças que pode colocar em maior risco para o uso de substâncias, por pressão dos amigos ou pela aquisição de independência torna-se potenciais para tais comportamentos (Ramis et al, 2012; Junqueira et al., 2018).

Considerando os problemas decorrentes do uso de álcool, um grave problema de saúde pública, na atualidade é o *binge drinking*, termo empregado para determinar o uso excessivo e episódico de álcool. Este padrão de consumo de alto risco pode ser caracterizado pelo consumo de grande quantidade de álcool em uma única ocasião, o que corresponde a quatro ou mais doses de bebidas alcoólicas para mulheres e cinco ou mais doses para homens, independentemente da frequência desse consumo (Cardoso et al., 2015).

Frente ao incremento de problemas relacionados ao uso de álcool e ou outras drogas entre estudantes o presente estudo teve por objetivo avaliar o uso no padrão *binge* e o impacto no consumo de outras substâncias entre universitários de engenharia.

2 Método

Trata-se de um estudo descritivo, a abordagem quantitativa de caráter descritivo com amostra de conveniência. Participaram do estudo 155 estudantes de graduação dos cursos de

Engenharias – Elétrica, Eletrônica, Química, Mecatrônica, Mecânica, Biomédica, de Controle e Automação e Aeronáutica, cursando diferentes períodos do curso de uma universidade pública mineira. Nem todos os participantes responderam à todas as perguntas. A coleta de dados foi realizada em salas de aula com anuência do professor responsável pela sala no momento da aplicação, foram gastos em média 40 minutos para responder aos questionários e para não haver repetição foi perguntado aos alunos se já haviam respondido o questionário anteriormente. A coleta de dados foi realizada de abril a maio de 2016.

2.1 Instrumentos

Um questionário foi elaborado contendo: 1. *Questionário de Informações Sociodemográficas (QSD)*, composto por quatorze perguntas, com questões abertas e fechadas. O questionário compreende dois blocos: variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade, trabalho, cidade em que reside, com quem mora e se alguém da família já teve ou tem problemas com o consumo de bebidas alcoólicas)

2. *Critério de Classificação Econômica Brasil* (2008), criada pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), tem como função estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é exclusivamente de classes econômicas (ABEP, 2012).

3. *Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test* (ASSIST): é um questionário de triagem breve para detectar pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas. ASSIST foi desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2002, é um método simples de triagem do uso nocivo ou de risco de álcool, tabaco e drogas ilícitas. Esse instrumento é composto por oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos, e opiáceos). As questões abordam a frequência de uso, na vida e nos últimos

três meses, problemas relacionados ao uso, preocupação a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas malsucedidas de cessar ou reduzir o uso, sentimento de compulsão e uso por via injetável. Cada resposta corresponde a um escore, que varia de 0 a 6, sendo que a soma total pode variar de 0 a 33. Considera-se a faixa de escore de 0 a 3 como indicativa de uso ocasional, de 4 a 26 como indicativa de abuso e ≥ 27 como sugestiva de dependência (Henrique, Micheli, Lacerda, Lacerda & Formigoni, 2004).

4. *Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso do Álcool (AUDIT)*, instrumento de rastreamento do uso problemático de álcool, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (Babor, Higgins-Biddle, Saunders, & Monteiro, 2001). Esse teste é muito utilizado em diversos países por ser de baixo custo e autoaplicável. É composto por 10 questões, sendo que o escore total varia de zero a 40 pontos, esse teste permite identificar quatro padrões de uso de álcool ou zonas de risco, ou seja, uso de baixo risco (0 a 7 pontos), uso de risco (8 a 15 pontos), uso nocivo (16 a 19 pontos) e provável dependência (20 ou mais pontos) (Segatto, Silva, Laranjeira & Pinsky, 2008). No entanto, para o presente estudo foi utilizado apenas o item 3 do AUDIT que refere ao *binge drink*, que de acordo com o NIAAA (2016) refere como o padrão de consumo que tem níveis de concentração de álcool no sangue (BAC) de 0,08%g/dl, o que foi preconizado por pesquisas que ocorre após quatro doses para mulheres e cinco doses para os homens em um período de duas horas.

2.2 Aspectos éticos

Os critérios de elegibilidade foram ser estudante matriculados nos cursos de Engenharias de uma universidade mineira, sede da pesquisa, maiores de 18 anos e estar presente em sala de aula em uma das três buscas consecutivas.

No que se referiu à confiabilidade dos dados, além da mesma ser garantida pela Resolução 196/96, enfatizou-se que a identidade dos entrevistados seria preservada e que, em

qualquer momento, poderiam desistir da participação no estudo. O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição a qual um dos pesquisadores está vinculado (CAAE: 42585115.9.0000.5152). Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram distribuídos os instrumentos e respondidas as perguntas realizadas pelos estudantes. Os questionários respondidos foram colocados pelo participante em um envelope lacrado e depositados em uma urna à vista de todos. Os TCLEs assinados foram colocados em outro envelope lacrado.

2.3 Análise dos dados

Os dados foram digitados em uma planilha *Excel* e o banco foi validado mediante dupla digitação. Na composição da base de dados foi atribuído um código de identificação para cada sujeito da pesquisa, de modo a resguardar o anonimato.

Para análise dos dados utilizou-se o programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 21 para Windows. Os dados foram analisados de forma descritiva para determinar porcentagens de frequência, médias e correlações, de modo a determinar as associações entre as variáveis de interesse do estudo. Os resultados estão apresentados em forma de tabelas que informam as frequências absolutas, porcentagens e nível de significância. O teste Qui-quadrado de Person foi utilizado para comparar as variáveis e o nível de significância adotado foi $p \leq 0,05$. Foram elaboradas as análises correlacionais, através da estatística não paramétrica usando o teste de Spearman já que as variáveis apresentaram distribuição assimétrica no teste de Shapiro Wilk.

3 Resultados

A amostra foi composta por 155 estudantes de engenharia, sendo que 40% cursavam Engenharia Eletrônica, 29,3% Engenharia Elétrica e 26,7% Engenharia Ambiental. Os estudantes foram caracterizados predominantemente por serem do sexo masculino (74,2%), jovens, com faixa etária entre 20 a 29 anos de idade (62,6%), solteiros - inclui pessoas namorando ou sozinhas - (98,1%), que apenas estudavam e não trabalhavam (86,9%), moravam com seus familiares (60,6%), pertenciam a classe média (42,67%) (tabela 1). A amostra não se diferenciou em relação ao padrão de consumo de álcool, não foram observados valores estatisticamente significativos (tabela 1). Na tabela 1, observam-se as características sociodemográficas e a associação destas características com o *Binge-drinking* em estudantes universitários de uma universidade de Minas Gerais.

Tabela 1: Características sociodemográficas e de associação da *binge drinking* da amostra de estudantes universitários de uma Universidade de Minas Gerais, 2016 (N= 155).

		Binge-drinking			
		Total	Sim	Não	Valor de p.
		n (%)	n (%)	n (%)	
Sexo	Feminino	38 (24,5)	17 (55,8)	21 (55,3)	$\chi^2(1) = 1,385$ $p = 0,239$
	Masculino	113 (72,9)	63 (44,7)	50 (44,2)	
Faixa Etária	17-19	49 (31,6)	21(42,9)	28(57,1)	$\chi^2(1) = 3,087$ $p = 0,214$
	20-29	98(63,2)	57(58,2)	41(41,8)	
	>30	4(2,5)	2(50,0)	2(50,0)	
Trabalho	Sim	21(13,5)	14(66,7)	7(33,3)	$\chi^2(1) = 1,744$ $p = 0,187$
	Não	129(83,2)	66(51,2)	63(48,0)	
Estado Civil	Sozinho	149(96,1)	79(53,0)	70(47,0)	$\chi^2(1) = 0,07$ $p = 0,932$
	Casados	2(1,2)	1(50,0)	1(50,0)	
Moradia	Amigo/república; namorado/moradia estudantil	35(22,5)	24(68,6)	11(31,4)	$\chi^2(1) = 4,282$ $p = 0,233$
	Família	94(60,6)	46(48,9)	48(51,1)	
	Sozinho	17(10,9)	8(47,1)	9(52,9)	
Classe Social	Alta	65(41,9)	38(58,5)	27(41,5)	$\chi^2(1) = 1,517$ $p = 0,218$
	Média	67(43,2)	32(47,8)	35(52,2)	

Na tabela 2, nota-se a prevalência do consumo abusivo de álcool, tabaco e maconha com dados de uso na vida e consumo em *binge* em universitários de uma instituição Mineira, sendo que a bebida alcoólica teve maior uso e consumo em *binge-drinking*, a análise foi feita por cada resposta.

Tabela 2: Prevalência (%) de consumo abusivo de álcool, tabaco e maconha com dados de uso na vida, consumo em *binge* em universitários de uma instituição mineira, 2016 (N = 155).

		Uso na vida n(%)	Uso nos últimos 3 meses	Binge-drinking		Valor de <i>p</i> .
				Sim n(%)	Não n(%)	
Álcool	Sim	124 (82,5)	108 (71,5)	80 (50,9)	44 (29,1)	$\chi^2(1) = 23,137$ $p = 0,0$
	Não	31 (17,5)	43(28,5)	0	0	
Tabaco	Sim	55 (35,1)	35 (23,2)	45 (29,8)	10 (6,6)	$\chi^2(1) = 25,981$ $p = 0,0$
	Não	99 (64,)	116(76,8)	38 (25,1)	61 (62,2)	
Maconha	Sim	40 (26,5)	27 (17,9)	35 (23,2)	5 (3,3)	$\chi^2(1) = 26,029$ $p = 0,0$
	Não	111 (73,5)	124(82,1)	45 (29,8)	66 (43,7)	

Quanto ao uso na vida, houve prevalência de 82,5% de consumo de álcool, 26,5% de tabaco e maconha 26,5%(tabela 2). A prevalência de uso nos últimos três meses foram, 71,5% álcool, 23,2% tabaco e 17,9% maconha.

Dos 82,5% dos estudantes que já consumiram bebida alcoólica na vida, metade consome no padrão *binge* (tabela 2). Quase um terço dos estudantes que consumia no padrão *binge* também fazia uso de maconha e tabaco (tabela 2).

Em relação ao uso de outras substâncias observou que 14,3% usaram inalantes, 11% alucinógenos, 6,5% anfetaminas ou êxtase, 4,5% uso de hipnóticos/sedativos, 2,6% cocaína e crack e 1,3% opióides (dados não constam na tabela).

4 Discussão

O uso problemático de álcool é hoje um problema de saúde pública, podendo trazer diversas consequências, como práticas sexuais de risco, comportamentos violentos, acidentes de carro, maior exposição a infecções sexualmente transmissíveis e indesejada gravidez (Freitas, Ribeiro & Saldanha, 2012; Cardoso, Barbosa, Costa, Vieira & Caldeira, 2015). No caso dos universitários temos também piora do desempenho acadêmico, maior ausências às aulas, dificuldade em cumprir compromissos acadêmicos, o uso do álcool pode favorecer posturas inadequadas, envolvimento em brigas e problemas com a lei (Silva et al., 2006; Barria, Queiroz, Nicastri & Andrade, 2000; Cardoso et al., 2015). A prevalência do consumo abusivo de álcool tem sido semelhante à da população geral de 13,7% de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde feita no Brasil (Garcia & Freitas, 2015).

Quanto às variáveis sociodemográficas no presente estudo não houve diferenças na amostra. Do total de estudantes, o uso álcool prevalece no sexo masculino com idades de 20 e 29 anos. A faixa etária que mais faz uso de álcool está entre os 20 e 29 anos, 69,9% da amostra assumiram consumir bebidas alcoólicas, destes 58,2% fazem uso em *binge*. Cardoso et al., (2015) destaca em seu estudo que “os usuários de álcool, tabaco e drogas ilícitas faltam proporcionalmente mais às aulas do que os alunos que não fazem uso destas substâncias nesse período”. Resultado semelhante foi encontrado por Trindade, Diniz & Sá-Júnior (2018) para o uso de tabaco e drogas, podendo sugerir algum prejuízo nas atividades acadêmicas por parte dos alunos que utilizaram tais substâncias. Tal prejuízo vão desde faltas à reprovação e menor dedicação ao estudo fora dos períodos de aula (Wagner & Andrade, 2008).

Na presente amostra tivemos um consumo em *binge* para as mulheres, das mulheres que bebem 55,8% fazem consumo abusivo. De maneira geral, as mulheres consomem álcool de forma menos frequente do que os homens. Apesar da menor pressão social para iniciar o consumo do álcool, em detrimento da maior pressão para parar o uso, o julgamento social em

relação à mulher usuária de álcool continua sendo muito discriminatória (Nobrega & Oliveira, 2005).

A prevalência do alcoolismo entre as mulheres é significativamente menor que a encontrada entre os homens. Por exemplo, um estudo feito por Pelicioli, Barelli, Gonçalves, Hahn e Scherer (2017) com 619 estudantes universitários mostra que 70,8% dos estudantes do sexo masculino bebem em *binge*, enquanto que 47,6% das mulheres fizeram o consumo em *binge*, ou seja, os estudantes apresentaram maior embriaguez do que as estudantes. Ainda assim, o consumo abusivo e/ou a dependência do álcool traz, reconhecidamente, inúmeras repercussões negativas sobre a saúde física, psíquica e “social” da mulher. Sendo assim chama a atenção já que o comportamento de beber mais de cinco doses em uma única ocasião expõe os jovens a maiores riscos como maior incidência de se envolverem em acidentes automobilísticos, comportamento sexual de risco desde não uso de preservativo, com menos exigência na escolha do parceiro(a) sexual além de maior risco de se envolverem em situações de violência, com relação a vida estudantil há prejuízos acadêmicos com maiores faltas às aulas e às atividades acadêmicas (Cardoso et al., 2015).

O estado civil dos respondentes foi solteiro em sua maioria 98,76%, sendo que destes 53,32% fazem a prática do *binge*. Esses dados corroboram com o estudo de Souza, Xavier, Soares e Finelli, (2016), onde os resultados obtidos mostra a predominância de solteiros no meio acadêmico. Um aspecto que não foi avaliado por este estudo mas chama a atenção são dados de um estudo realizado por Toledo (2014), os participantes afirmaram que estarem em um relacionamento era algo que influenciava a forma e a quantidade de bebida alcoólica que ingeriam. Para os colaboradores da pesquisa, estar em um relacionamento contribui para o controle do consumo de bebida alcoólica.

Foi possível verificar que a maior parte dos colaboradores moravam com os pais (60,6%), seguido por sozinho, em república ou com amigos (23,2%), mas desse percentual que moravam sem a presença dos pais ou responsáveis faziam mais consumo em *binge* do que

o grupo que morava com os pais (68,6%), o que corrobora com os estudos como o de Ramis et. al. (2012) que indicam que o consumo de alta frequência seja direcionado aos indivíduos que não residem com os pais justificando o consumo excedente devido à mudança de ambiente provocar alterações de hábitos. Com relação a classe social, na presente amostra não tivemos diferença significativa entre as classes alta e média.

A busca pela facilitação social é a principal expectativa do universitário ao consumir bebida alcoólica, seguida pela expectativa de redução da tensão psicológica (Andrade et. al., 2010). Com esta busca, muitos acabam apresentando consequências após o uso de bebidas alcoólicas. No presente estudo, abordamos a questão se por uso das substâncias já deixaram de fazer as coisas que normalmente eram esperadas, tivemos que de “1 a 2 vezes por mês” nos últimos 3 meses foi de (7,8%) já tiveram consequências. Quanto ao consumo associado a problemas de saúde, social, legal ou financeiro obtivemos a resposta de “1 a 2 vezes no mês” nos últimos 3 meses (7,1%), apesar do número não alto é preciso considerar que esses estudantes são jovens e poderiam ser orientados sobre o impacto do uso abusivo dessas SPA na vida deles.

A população universitária apresenta padrões típicos de uso de álcool e fatores de risco que diferem da população geral, sendo o consumo dessa substância favorecido de forma indireta (Oliveira et. al., 2009). Silva et. al. (2006) e Chiapetti e Serbena (2007) contrapõe à pesquisa dizendo que o uso de álcool e “drogas ilícitas” em universitários nos últimos 12 meses esteve relacionado à renda familiar mais elevada, mas em contrapartida no presente estudo a classe econômica que mais consumiu foi a classe média. Sendo assim, nesta pesquisa, o álcool foi a substância psicoativa mais usada entre os estudantes universitários independente da classe econômica.

Um levantamento na literatura revelou que existem poucas pesquisas na prevenção ao uso e abuso de bebida alcoólica, bem como de outras drogas no Ensino Médio. Contudo, ficou claro a necessidade de pesquisas mais detalhadas, com maior número amostral, ampliação do

tempo, além de uma análise do histórico e do perfil familiar desses jovens para que abra caminho para futuras investigações, especialmente no que se refere à construção dos saberes científico dentro da sala de aula e mudança postura fora dela (Educação em saúde e Educação em ciências, 2017).

Com relação ao consumo de álcool, tabaco e maconha, dados coletados a partir do ASSIST, obtivemos que dos 82,5% dos universitários que já consumiram bebida alcoólica na vida, 50,99% assumiram beber em *binge*. Já a maconha teve uso na vida de 26,49% sendo que 23,18%, dos respondentes, fazem consumo excessivo em uma única ocorrência. Quase um terço dos universitários que consumiram tabaco e maconha na vida bebem no padrão *binge*.

Estes resultados estão em consonância com a literatura científica como apontado em outros estudos, onde o álcool e o tabaco são as substâncias mais consumidas por universitários. Em estudo feito em 2016 a prevalência do uso de álcool foi de 81,4%, 23,7% tabaco e 22,6% a maconha. Os estudantes, em sua maioria, fizeram uso de álcool na vida o que pode denunciar que o ambiente universitário pode ser um estimulador para o consumo aliado à maior frequência às festas e este consumo pode ser um favorecer ao uso concomitante de outras substâncias psicoativas como tabaco e maconha (Damasceno, Boery, Ribeiro, Anjos, Santos, & Boery, 2016; Pelicioli et al. 2017).

No entanto, vale ressaltar que 55 participantes (35,7%) já teriam feito uso de derivados do tabaco, e nos últimos 3 meses a frequência foi de 1 a 2 vezes no mês (11%), corroborando com os achados de outros trabalhos (Chiapetti & Serbena, 2007; Wagner & Andrade, 2008; Ramis et al., 2012). Estima-se que haja em torno de 1,4 bilhões de fumantes no mundo, somando cerca de seis trilhões de cigarros fumados por ano. No Brasil, aproximadamente 34% dos homens e 29% das mulheres são fumantes, consumindo cerca de 175 bilhões de cigarros por ano (Duncan, Schmidt, & Giugliani, 2004). Um levantamento realizado no Brasil demonstra uma prevalência de 38% do consumo de cigarro na faixa de 18 a 24 anos (Machado Neto & Cruz, 2003).

O álcool e o tabaco, apesar de serem substâncias psicoativas com risco para a saúde, não são vistas como tal pela mídia, que acaba estimulando o seu uso por meio de propagandas, filmes e letras de músicas. A apresentação dessas substâncias associadas a fatores desejáveis como prazer, beleza, sucesso financeiro e sexual e poder configura-se num importante fator de risco para o seu uso (Chiapetti & Serbena, 2007).

Pudemos ver a prevalência de uso de maconha em (26%) da amostra, sendo que no período de “1 a 2 vezes por mês” nos últimos 3 meses tivemos (9,7%), corroborando com outros estudos, a maconha é o terceiro tipo de droga mais usada entre os estudantes, considerada a droga ilícita de maior uso entre adolescentes dos países desenvolvidos que vem aumentando nas últimas décadas. Uma das possíveis explicações para tal fato é a percepção de que a maconha é uma “droga leve”, sem muitas consequências para a saúde do indivíduo, em contraste com outras drogas ilícitas (Pillon, Brien, & Chavez, 2005; Chiapetti & Serbena, 2007). Apesar dos números serem baixos na presente amostra chama a atenção para o consumo de álcool e maconha associados, potencializando a ingestão de ambos, já que os universitários que consomem ambos 23,18% assumiram beber em *binge*.

No estudo apresentado por Ferigolo (2004), noticia-se a existência de uma pesquisa anterior, na qual, em dez estados brasileiros, foram levantados os seguintes dados junto aos alunos de escolas públicas: 65% dos alunos consomem álcool experimentalmente; 40% tabaco, 15% maconha, 13% inalantes, 8% ansiolíticos, 7% anfetaminas e 4,5% cocaína.

Sobre ter amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com o uso de substâncias, a maioria dos colaboradores respondeu nunca, mas para derivados de tabaco teve “sim, nos últimos 3 meses” (7 = 4,5%), bebidas alcoólicas “sim, nos últimos 3 meses” (19 = 12,3%), maconha “sim, nos últimos 3 meses e sim, não nos últimos 3 meses” (3 = 1,9%), para cocaína, crack, alucinógenos, anfetaminas ou êxtase responderam “sim, não nos últimos 3 meses” (1 = 0,6%). Portanto houve uma preocupação sobre o uso de tais substâncias, com um pequeno risco de se tornarem dependentes ao longo dos anos.

Comparando com os resultados da questão sobre alguma vez já tentou controlar, diminuir ou parar o uso da substância e não conseguiu, nos derivados de tabaco a resposta foi “sim, nos últimos 3 meses” (9 = 5,8%), bebidas alcoólicas “sim, nos últimos 3 meses” (8 = 5,2%), maconha “sim, nos últimos 3 meses” (4 = 2,6%), o que comprova que é necessário pensarmos em formas de intervenção antes que seja preciso tomar medidas mais rigorosas.

Corroborando esses dados, verificamos que a primeira substância de consumo entre as drogas foi o álcool, a segunda o tabaco e a terceira a maconha. Dessa forma Andrade et al. (2010) observaram um índice de uso de álcool elevado entre os alunos de Medicina da UNESP, ainda que o índice de uso de outras drogas tenha se revelado menor do que o observado em outras populações com a mesma idade, gênero e nível socioeconômico, o que contrapõe Wagner & Andrade (2008), que segundo seus estudos há um aumento considerável no uso de drogas ilícitas, em especial a maconha, cocaína e anfetaminas.

5 Considerações finais

Através desta pesquisa é possível notar que o uso do álcool, tabaco e a maconha entre universitários vem aumentando, e com isso as consequências do uso também. É preciso pensar não somente na intervenção, mas em políticas preventivas dentro da Universidade pois as perdas e prejuízos associados ao consumo abusivo do álcool e outras substâncias são relevantes e seus custos sociais em relação à saúde e à segurança ainda não foram adequadamente dimensionados no Brasil.

O tabagismo, o consumo de álcool e a maconha apresentaram prevalências elevadas entre os universitários pesquisados. Apesar de a maioria dos estudantes ser do sexo masculino, o sexo feminino teve fator mais representativo em *binge* o que sugere que as mulheres tem aumentado o consumo de risco.

Os dados sugerem a necessidade de intervenções no meio acadêmico. Entretanto, cabe destacar que ações para a população adolescente como um todo devem ser priorizadas, pois a universidade pode ser um ambiente vulnerável ao uso de substância psicoativas, porém o uso de álcool e outras substâncias vem anterior ao ingresso na Universidade.

Esta pesquisa foi realizada em um campus de uma universidade pública e denunciou uma realidade preocupante porém não temos a realidade do consumo de universidades privadas o que sugere novos estudos para melhor conhecer essa realidade de consumo. Esses estudos podem subsidiar a construção de políticas universitárias de promoção da saúde bem como ações de prevenção de saúde para esse público.

Tal estudo se faz importante pois foi possível fazer um mapeamento dos cursos da Engenharia com um olhar voltado ao abuso das substâncias psicotrópicas, e isso colabora ao pensarmos em formas de intervenção/prevenção dentro da universidade.

6 Referências

- Andrade, A. G., Duarte, P. C. A. V., & Oliveira, L. G. (2010). I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *GREa/IPQ-HC/FMUSP* – Brasília: SENAD. Recuperado em 12 de Janeiro de 2017 de <http://www.grea.org.br/userfiles/GREA-ILevantamentoNacionalUniversitarios.pdf>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2012). Critério de classificação econômica Brasil. Recuperado em 15 de Outubro de 2017 de: <http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>

- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). AUDIT: the Alcohol Use Disorders Identification Test. 2nd ed. Geneva: World Health Organization. Recuperado em 15 de Julho de 2017 de: <https://goo.gl/3ptfFJ>.
- Barria, A. C. R., Queiroz, S., Nicastri, S., & Andrade, A. G. (2000). Comportamento do universitário da área de biológicas da Universidade de São Paulo, em relação ao uso de drogas. *Revista Psiquiatria Clínica*. 27(4), 215:24. São Paulo. Recuperado em 13 de Junho de 2015 de <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-280511>
- Bastos, F. I., Bertoni, N., & Hacker, M. A. (2008). Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista de Saúde Pública*; 42 (Supl 1), 109-17. Recuperado em 12 de junho de 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42s1/13.pdf>
- Brasil. (2008). Ministério da Saúde (BR). *Cresce consumo abusivo de álcool entre brasileiros*. Recuperado em 14 de Junho de 2017, de http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/reportagensEspeciais/default.cfm?pg=dspDetalhes&id_area=124&CO_NO-TICIA=10082
- Brasil. (2018). Ministério da Saúde (BR). *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (VIGITEL)*. Brasília. Recuperado em 14 de Maio de 2018 de http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2017_vigilancia_fatores_risco_s.pdf
- Cardoso, F. M., Barbosa, H. A., Costa, F. M., Vieira, M. A., & Caldeira, A. P. (2015). Fatores associados à prática do binge drinking entre estudantes da área da saúde. *Revista CEFAC*, 17(2), 475-84. doi: 10.1590/1982-021620158914
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C., Noto, A. R., Carlini, C. M., Oliveira, L. G., Nappo, S. A., Moura, Y. G., & Sanchez, Z. V. D. M. (2007). II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país:

2005. *CEBRID* - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: *UNIFESP* - Universidade Federal de São Paulo. São Paulo: Páginas & Letras; 2007 p. 1-472. Recuperado em 05/05/2016 de <http://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2014/10/II-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Uso-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil.pdf>
- Chiapetti, N., & Serbena, C. A. (2007). Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área da saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão Crítica*. 20(2), 303-313. Alegre. Doi: 10.1590/S0102-79722007000200017
- Damasceno, R. O., Boery, R. N. S. O., Ribeiro, I. J. S., Anjos, K. F., Santos, V. C., & Boery, E. N. (2016). Uso de álcool, tabaco e outras drogas e qualidade de vida de estudantes universitários. *Revista Baiana de Enfermagem*. (30)3 1-10. Julho/Setembro. Recuperado em 22 de Setembro de 2017 de <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v30i3.15533>
- Duncan, B. B., Schmidt, M. I., & Giugliani, E. R. J. (2004). *Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária*. Achutti, A.C., Rosito, M. H. E., Achutti, V. A. R. (eds). Porto Alegre: Artmed.
- Educação em saúde e Educação em ciências. (2017, Julho). Educação em saúde na escola: necessidade de prevenção ao uso de álcool e outras drogas por alunos do ensino médio. *Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, Florianópolis, SC, Brasil, 11.
- Fachini, A. (2013). Aspectos da vida acadêmica associados ao uso do álcool e outras drogas. (Tese de Doutorado em Medicina, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto). Recuperado em 25 de Julho de 2017 de <http://pgsm.fmrp.usp.br/wp-content/uploads/2014/11/DOUTORADO-ALEXANDRE-FACHINI.pdf>
- Ferigolo, M., Barbosa, F. S., Arbo, E., Malysz, A. S., Stein, A. T., & Barros, H. M. T. (2004). Prevalência do consumo de drogas na FEBEM, Porto Alegre. *Revista Brasileira de*

- Psiquiatria*. 26(1), Março. São Paulo. Recuperado em 2 de Fevereiro de 2015 de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000100006>
- Freitas, E. S., Ribeiro, K. C. S., & Saldanha, A. A. W. (2012). O uso de álcool por adolescentes: uma comparação por gênero. *Psicologia Argum.*, Abril/Junho, 30(69), 287-295. Recuperado em 21 de Setembro de 2016 de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23284/22357>
- Garcia, L. P., & Freitas, L. R. S. (2015). Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Abril/Junho, 24(2): 227-237. Brasília. Recuperado em 24 de Novembro de 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n2/2237-9622-ress-24-02-00227.pdf>
- Henrique, I. F. S., Micheli, D., Lacerda, R. B., Lacerda, L. A., & Formigoni, M. L. O. S. (2004). Validação da versão brasileira do Teste de Triagem do Envolvimento com Álcool, Cigarro e Outras Substâncias. *Revista Associação Médica Brasileira*, 50(2), 199-206. Recuperado em 15 de Julho de 2017 de <https://repositorio.observatoriodocuidado.org/bitstream/handle/1176/1/RAMB.S0104-42302004000200039.pdf>
- Instituto Nacional de Câncer José de Alencar Gomes da Silva (INCA, 2017). Dia Mundial Sem Tabaco. Recuperado em 21 de Agosto de 2018 de <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2018/debate-sobre-tabagismo-doencas-cardiovasculares-e-cancer-marca-dia-mundial-sem-tabaco>
- Junqueira, M. A. B., Santos, M. A., Araújo, L. B., Ferreira, M. C. M., Giuliani, C. D., & Pillon, S. C. (2018). Sintomas depressivos e uso de drogas entre profissionais da equipe de enfermagem. *Escola Anna Nery*. (22)4, e20180129. Doi: 10.1590/2177-9465-ean-2018-0129.
- Laranjeira, R., Madruga, C. S., Pinsky, I, Caetano, R., & Mitsuhiro, S. S. (Orgs.). (2012). II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). São Paulo: Instituto Nacional de

Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. Recuperado em 13 de maio de 2017, de <http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>

Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M., & Caetano, R. (Org.). (2007). (P. C. A. V. Duarte, Rev. Técnica Científica). I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. Brasília, DF: *Secretaria Nacional Antidrogas*. Recuperado em 25 de maio de 2015, de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf

Laranjeira, R., Madruga, C. S., Pinsky, I., Caetano, R., & Mitsuhiro, S. S. (Orgs.). (2012). II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). O consumo de Álcool no Brasil: Tendências entre 2006 e 2012. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. Recuperado em 25 de julho de 2017, de http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LENAD_ALCOOL_Resultados-Preliminares.pdf

Machado Neto, A. S. M., & Cruz, Á. A. (2003). Smoking among school adolescents in Salvador (BA). *Jornal Pneumologia*, 29(5), 264-72. Doi: [10.1590/S0102-35862003000500004](https://doi.org/10.1590/S0102-35862003000500004)

Murphy, J. G., McDevitt-Murphy, M., & Barnett. (2005). Drink and be merry? Gender, life satisfaction, and alcohol consumption among college students. *Psychology of Addictive Behaviors* 19(2), 184-191. Doi: [10.1037/0893-164X.19.2.184](https://doi.org/10.1037/0893-164X.19.2.184)

National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (NIAAA). (2016). Dietary guidelines for Americans 2015-2020, U.S. Department of Health and Human Services and U.S. Department of Agriculture. Recuperado em 02 de Setembro de 2018 de: <http://www.niaaa.nih.gov/alcohol-health/overview-alcohol-consumption/moderate-binge-drinking>

- Nobrega, M. P. S. S., & Oliveira, E. M. (2005). Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. *Revista Saúde Pública*, 39(5), 816-23. Doi: 10.1590/S0034-89102005000500018
- Oliveira, E. B., Cunningham, J., Strike, C., Brands, B., & Wright, M. G. M. (2009). Normas percebidas por estudantes universitários sobre o uso de álcool pelos pares. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17(Esp.), 878-85. Recuperado em 12 de junho de 2017 de <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/4105/4970>
- Organização Mundial da Saúde. (2018). *Día Mundial Sin Tabaco 2018: Tabaco y cardiopatías*. Recuperado em 21 de Agosto de 2018 de <http://www.who.int/campaigns/no-tobacco-day/2018/event/es/>
- Organização Mundial da Saúde. (2018). *World health statistics 2018: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. Recuperado em 21 de Agosto de 2018 de <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272596/9789241565585-eng.pdf?ua=1&ua=1>
- Pelicioli, M., Barelli, C., Gonçalves, C. B. C., Hahn, S. R., & Scherer, J. I. (2017). Perfil do consumo de álcool e prática do beber pesado esporádico entre universitários brasileiros da área da saúde. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, (66)3. 150-156. Doi: 10.1590/0047-2085000000164
- Pillon, S. C., Brien, B., & Chavez, K. A. P. (2005). A relação entre o uso de drogas e comportamentos de risco entre universitários brasileiros. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(n. esp). Recuperado em 13 de junho de 2017 de <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/2196/2305>
- Ramis, T. R., Mielke, G. I., Habeyche, E. C., Oliz, M. M., Azevedo, M. R., & Hallal, P. C. (2012). Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15(2), 376-85. Doi: 10.1590/S1415-790X2012000200015

- Santos, M. V. F. dos, Pereira, D. S., & Siqueira, M. M. de. (2013). Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Jornal Brasileiro Psiquiatria*, 62(1), 22-30. Doi: [10.1590/S0047-20852013000100004](https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000100004)
- Segatto, M. L., Silva, R. S., Laranjeira, R. & Pinsky, I. (2008). The impact of alcohol use in patients attended in the emergency room of a university general hospital. *Revista de Psiquiatria Clínica*, Curitiba, 35(4), 138-143. Doi: [10.1590/S0101-60832008000400003](https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000400003)
- Silva, L. V. E. R., Malbergier, A., Stempliuk, V., & Andrade, A. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*. 40(2), 280-8. Recuperado em 01 de maio de 2018 em <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/viewFile/32032/34070>
- Souza, D. E. O., Xavier, P. G. P., Soares, W. D., & Finelli, L. A. C. (2016). Consumo de álcool entre acadêmicos de Engenharia Civil. *Revista Bionorte*, 5(2), 50-61. Recuperado em 24 de Abril de 2017 de http://www.revistabionorte.com.br/arquivos_up/artigos/a51.pdf
- Toledo, R. B. (2014). *Binge drinking e consumo excessivo de bebida alcoólica em jovens universitários – um enfoque junguiano*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontífica Universidade Católica de São Paulo. Recuperado em 12 de Julho de 2017 de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15357/1/Rafaela%20Boiczuk%20de%20Toledo.pdf>
- Trindade, B. P. A., Diniz, A. V., Sá-Júnior, A. R. (2018) Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. *Revista Médica Saúde Brasília*, 7(1), 52-60. Recuperado em 12 de Agosto de 2018 de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8641/5721>
- United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2017). *New York: World Drug Report*. Recuperado em 21 de Agosto de 2018 de <http://www.unodc.org/lpo->

[brazil/pt/frontpage/2017/06/cerca-de-29-5-milhes-de-pessoas-em-todo-o-mundo-sofrem-de-transtornos-provocados-pelo-uso-de-drogas--os-opiides-so-os-mais-prejudiciais_-aponta-relatrio-mundial-sobre-drogas-2017-do-unodc.html](http://brazil.pt/frontpage/2017/06/cerca-de-29-5-milhes-de-pessoas-em-todo-o-mundo-sofrem-de-transtornos-provocados-pelo-uso-de-drogas--os-opiides-so-os-mais-prejudiciais_-aponta-relatrio-mundial-sobre-drogas-2017-do-unodc.html)

Wagner, G. A., & Andrade, A. G. (2008). Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. *Revista Psiquiatria Clínica*, 35(n.esp.), 48-54. Recuperado em 30 de Julho de 2015 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000700011